

SIMPLES CAIXAS DE MADEIRA

Martha Pendergrass Templeton

Suponho que cada um de nós guarde a lembrança de algum Natal que tenha marcado a infância mais do que qualquer outro. Para mim, foi o Natal do ano em que a fábrica Burlington, em Scottsboro, fechou. Eu ainda era bem pequena. Não sei exatamente em que ano foi, tenho só uma vaga lembrança; mas os acontecimentos daquele Natal estarão para sempre gravados em meu coração.

Com o fechamento da fábrica, papai ficou desempregado, mas nunca nos colocou a par de suas dificuldades financeiras.

Afinal de contas, as crianças vivem em um mundo inocente, em que dinheiro e empregos são blábláblá de adulto. Para nós, nada poderia destruir o entusiasmo do Natal. A única coisa que sabíamos é que nosso pai, que geralmente trabalhava por muitas horas, agora ficava muito tempo em casa. Todos os dias pareciam feriado.

Mamãe, uma dona-de-casa, agora procurava trabalho nas tecelagens locais, mas os empregos eram escassos.

Em todos os lugares, diziam a ela que não haveria vagas antes do Natal. Em uma ocasião em que voltava para casa depois de mais uma entrevista frustrante, nosso único carro quebrou. O dinheiro da rescisão de papai era tudo o que nossa família possuía. Para meus pais, o Natal traria montanhas de preocupações, muitos suspiros, lágrimas e uma torrente de orações.

Posso imaginar o que meus pais sentiram quando acharam uma saída. Juntos, tiveram dezenas de ideias. Algum tempo deve ter passado até que tomassem forma. Decidiram que ambos economizariam dinheiro suficiente para comprar uma boneca Barbie para cada uma de nós. O restante de nossos presentes, fariam com as próprias mãos, usando restos de materiais que já tinham em casa.

À noite, mãos calejadas costuravam, martelavam e pintavam. Dedos ágeis passavam vestidos e mais vestidos na máquina de costura. Vestidos de noiva para a Barbie, camisolas, roupas para todas as ocasiões foram costuradas na velha e barulhenta máquina. Não sei onde estávamos nos momentos em que eles faziam tudo aquilo. Só sei que arrumaram tempo para doar do profundo de si mesmos aqueles presentes, e o entusiasmo do Natal voltou a nascer em nossa família.

Chegou o grande dia. O sol já estava se pondo no horizonte, quando ouvimos o inesperado barulho do motor de um carro na entrada de nossa casa. Olhamos para fora e mal podíamos acreditar. Tio Buck e tia Charlene, a irmã de mamãe e seu marido, tinham vindo da Geórgia para nos fazer uma surpresa. O carro estava abarrotado: meus três primos, minha "tia" Dean, que detestava ser chamada de tia, e meus avós. Eu, também, não pude deixar de notar os lindos pacotes de presentes que eles tinham trazido para nós. Ficaram sabendo de nossa dificuldade e decidiram vir nos ajudar.

Na manhã seguinte, a quantidade de presentes era enorme. Eu não me lembro exatamente quais eram os brinquedos, mas havia montanhas deles. Brinquedos! Brinquedos! E mais brinquedos!

E foi ali, em meio a toda aquela alegria, que papai decidiu não nos entregar seus presentes. Com todos os brinquedos que tínhamos ganho, não havia necessidade de nos dar casas de bonecas que ele mesmo fizera. Afinal, eram simples e rústicas caixas vermelhas. Com certeza, não eram tão boas quanto os presentes que a família de mamãe havia comprado para nós. Os risos encheram a casa naquela manhã, e nós nem suspeitávamos de que, escondidos em algum lugar, estivessem nossos outros presentes.

Quando mamãe perguntou a papai sobre os presentes, ele confessou o que estava sentindo, mas ela insistiu em nos entregar o que eles haviam feito para nós. Então, assim que todas as visitas foram embora, papai, com relutância, trouxe os presentes de amor para a sala.

Caixas de madeira. Caixas pintadas de vermelho, com dobradiças nas tampas para que cada lado pudesse ser aberto como uma casa. Do outro lado, havia um espaço grande o suficiente para se colocar uma Barbie. Havia também um cabide onde as roupinhas podiam ser penduradas. Do lado de fora, havia uma alça para podermos carregar a casa quando ela estivesse fechada - no estilo de uma pasta de executivo.

Embora eu não me lembre dos brinquedos que ganhei naquele dia, aquelas caixas jamais saíram de minha memória. Lembro-me da textura da madeira, do tom do vermelho, do ímã que segurava a tampa fechada, da alça e das dobradiças... Lembro-me de como as roupas ficavam delicadamente penduradas e de como eu tinha de tomar cuidado para que o cabelo da Barbie não ficasse preso ao fechar a tampa. Eu me lembro de todos os detalhes, porque brincamos com as caixas durante muito tempo.

Eu já passei por 29 natais, cada um deles com um entusiasmo único. Todos cheios de amor e de esperança. Cada um trouxe presentes estimados. Mas poucos se comparam àquelas simples caixas de madeira.

Não é de admirar que meus olhos se encham de lágrimas quando me lembro de papai, naquela fria manhã de Natal, questionando se o seu presente seria bom o suficiente.

O amor, papai, é sempre bom o suficiente.